

Delineamentos para pensar a metodologia como *práxis* na pesquisa em comunicação

Jiani Adriana Bonin¹

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre a metodologia de pesquisa em comunicação enquanto dimensão da *práxis* investigativa. Para tanto, procuro delinear perspectivas que orientam esta concepção de metodologia como lógica orientadora e constitutiva dos processos de investigação para, em seguida, apontar e examinar algumas práticas concretas que encarnam princípios desta concepção.

Palavras-chave: Metodologia. Pesquisa em comunicação. Práticas na pesquisa.

Abstract

The purpose of this Article is to think about the methodology in communication research from the examination of concrete practices that are the base of the investigative making. To achieve this goal I initially intend to outline some perspectives that guide the debate about methodology as a constitutive of the construction process of the research and, then, I'll characterize it and reflect on the meaning of certain constitutive practices of investigative action.

Keywords: Methodology. Research in communication. Practices in research.

¹ Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Introdução

A dimensão metodológica da pesquisa em comunicação em seus fazeres concretos é o eixo da reflexão que busco empreender neste artigo. Dando sequência a reflexões anteriores sobre esta temática, busco aqui esboçar algumas perspectivas que orientam esta concepção da metodologia como dimensão da *práxis* da pesquisa para, em seguida, apontar e caracterizar certas práticas que encarnam a compreensão de metodologia proposta, a saber: as pesquisas teórica, metodológica, exploratória e de contextualização.²

Alimentam as reflexões aqui empreendidas propostas de autores situados em diferentes campos disciplinares que considero produtivas para pensar a dimensão metodológica na pesquisa; práticas coletivas e individuais de pesquisa por mim experienciadas; o trabalho docente em disciplinas de metodologia e em orientações de mestrado e de doutorado e, também, a participação em grupos de pesquisa, em processos de construção de reflexão metodológica de investigações. Estes referentes me instigam e me alimentam no exercício de pensar a metodologia enquanto dimensão *praticada* na pesquisa comunicacional.

Pensando a metodologia como dimensão da prática investigativa

Começo esboçando perspectivas que orientam a concepção de metodologia com a qual venho trabalhando para pensar este lugar constitutivo que adquire nos processos e práticas de investigação. Explicitar estas perspectivas abre caminho para, num segundo movimento, pensar como esta concepção se materializa em certas práticas dinamizadoras da construção das problemáticas de pesquisa.

Concebo a metodologia como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*. Esta perspectiva se nutre de concepções de autores com os quais venho dialogando. Entre

² Algumas das práticas que vou tratar aqui foram abordadas no texto *Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto* (Bonin, 2006), para pensar seu lugar na elaboração de um projeto de pesquisa amadurecido. Sua retomada aqui se dá com o propósito de avançar na reflexão destas práticas pensando sua vinculação com uma concepção de metodologia como dimensão encarnada nos processos de investigação, que coloca em ação certos modos de pensar as relações entre a teoria e a empiria para a geração do conhecimento científico. Em Bonin (2008) também foram trabalhadas perspectivas relativas a estas práticas, aqui retomadas.

eles, Lopes (1990), ao propor um modelo para a pesquisa empírica em comunicação, trabalha a noção de metodologia na pesquisa para pensá-la como conjunto de decisões e opções particulares realizadas ao longo de um processo de investigação; como lógica em ato que orienta a dinâmica real da pesquisa. Esta autora insiste na necessidade de instituir a reflexão como fundamento da prática metodológica, tal como propusera Bachelard (1977). Maldonado (2002, p.3) também concebe o método como instância que “constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas que, no caso da ciência, têm por objetivo produzir conhecimento sobre fenômenos e processos do cosmos”.

Operamos no âmbito da metodologia ao fazer pesquisa e essa operação pode se realizar de modo mais ou menos consciente. Um dos grandes desafios que se colocam à formação do pesquisador é tornar esta operação metodológica um processo consciente. Tal consciência é fundamental de ser desenvolvida, posto que a dimensão do método configura o objeto e responde também pelo tipo de conhecimento que se produz, por suas limitações e seu alcance (BACHELARD, 1977; BOURDIEU et al., 1999; LOPES, 1990). Desde aí se pode vislumbrar como esta dimensão não pode ser negligenciada na pesquisa e como cada operação investigativa deve ser submetida à reflexão e interrogação, nos seus detalhes mais ínfimos, tal como propõe Bachelard (1977)³. A metodologia, no concreto da pesquisa, pode ser assumida como *construção pensada, refletida dos objetos*.

Uma questão central que funda a concepção metodológica colocada em ato no trabalho de construção investigativa diz respeito ao modo como se concebe a relação teoria/empíria. Que tipo de relações entre estas dimensões fundam a construção do conhecimento propriamente científico, na perspectiva com a qual operamos? Para aclarar esta questão, recupero proposições de autores que sustentam a perspectiva com a qual trabalho.

Bachelard (1977), na sua polêmica contra o empirismo e o positivismo imperantes na ciência do século XIX, adverte que a observação da realidade concreta, por si só, não é base suficiente para fundar a fabricação do conhecimento científico; que a compreensão do mundo concreto/empírico necessita do pensamento, da teoria para realizar-se. Nem racionalidade vazia nem empirismo desconexo dariam conta da lógica que preside a construção do conhecimento, cuja base seria a profunda união e conexão (na tensão) de dois polos filosóficos na ação científica: razão e empíria (ou teoria e dado empírico), constituindo nesta ação uma men-

³ Bachelard (1977) sublinha a necessidade de inscrever o domínio da reflexão no interior da prática científica, de instaurar processos de vigilância epistemológica no coração da fabricação do conhecimento, para submeter as construções que fazemos a uma retificação permanente.

talidade abstrato-concreta. Tal lógica ele caracterizou como um racionalismo concreto, solidário da experiência, aberto para receber novas determinações. O objeto de investigação, lembra-nos este autor, é construído; sua captura/compreensão necessita da elaboração de uma problemática, que se concretiza na dialética entre estes dois movimentos.

Observando explicitações metodológicas de autores com pesquisas que considero relevantes para pensar metodologia na pesquisa, na linha em que estou trabalhando, identifico também concepções semelhantes às de Bachelard no que se refere à construção do objeto científico: lógicas de abstração (teoria) e de concretização (empíria) confluem na *práxis* da pesquisa, dando sustentação à construção dos objetos investigados. A explicitação dos processos metodológicos da pesquisa conduzida por Michel de Certeau e seus colaboradores, publicada em *A invenção do cotidiano*⁴, é rica neste sentido e permite ver como se instituem nos programas de pesquisa coletivos movimentos concretos de pesquisa teórica e empírica: “Voluntariamente, em sua adequação a seu objeto concreto, a análise aqui se dedica a um incessante vaivém do teórico para o concreto, e depois do particular e do circunstancial ao geral” (GIARD, 1994, p.21).

As proposições de Mills (1975) sobre a prática da pesquisa pensada como *artesanato intelectual*⁵ também são estimulantes para pensar a importância de praticar a pesquisa como ofício e ter domínio do seu processo de construção. Na riqueza das descrições de suas práticas, vemos convergirem processos de pesquisa teórica, metodológica e empírica na construção dos projetos de investigação.

Vale lembrar que a pesquisa em comunicação se realiza no âmbito de um campo científico – o da Comunicação, que busca o conhecimento relativo à dimensão do real tomada como objeto de conhecimento deste campo. Mas é importante considerar que nossos objetos são multidimensionais; exigentes, portanto de formulações complexas para apreendê-los; daí a necessidade de confluência de saberes disciplinares, apropriados e repensados para responder aos objetos comunicacionais.⁶

Não obstante sua “juventude”, o campo científico da Comunicação já dispõe de um

⁴ Parte dessa pesquisa está publicada em Certeau (1994) e parte em Certeau, Giard e Mayol (1996).

⁵ Estas proposições estão explicitadas no apêndice do livro *A imaginação sociológica*, intitulado *Do artesanato intelectual*.

⁶ É interessante lembrar que a Comunicação surge num momento de questionamento das divisões disciplinares instituídas no processo de institucionalização das Ciências Sociais, quando se verifica um esforço de designar novas áreas cujos objetos reclamam construções “interdisciplinares”, conforme o relatório da Comissão Gulbenkian para a reestruturação das Ciências Sociais (Wallerstein, 2006). Ou, como especifica Lopes (2006, p.27), “os desafios trazidos pela compreensão de novos objetos, como é o da Comunicação, encaminham para a formação de novas sínteses disciplinares ou convergências disciplinares, isto é, transdisciplinas ou pós-disciplinas”.

acúmulo de conhecimentos; de teorias; de experiências de apropriação, construção e uso de métodos e procedimentos; de reflexões, sistematizações e estruturações constituídos na sua caminhada histórica. Este “acervo” não pode ser negligenciado pelo pesquisador que inicia uma nova investigação.⁷ A fabricação de novos conhecimentos se faz *em relação com* este saber acumulado, por rupturas como vê Bachelard (1977), mas também por continuidades, por apropriações, remodelações e alargamentos dessas construções.

Sendo assim, toda pesquisa que se compromete efetivamente com o avanço do conhecimento necessita colocar-se em *diálogo produtivo* com a produção do campo onde se insere (e de outros afins, quando o problema/objeto investigado solicite) no que concerne à problemática investigada, nos vários âmbitos requeridos para a sua fabricação (domínios epistemológicos, teóricos, metódicos, técnicos). Diálogo produtivo que deve se dar na tensão, na problematização, o que implica *operar com e contra* esta produção: *com* as proposições que se mostrem férteis para laborar na problemática investigada, reconstruindo-as, reordenando-as quando necessário for; *contra* o que pode obliterar a construção e captura do fenômeno investigado – por empenho da ação enérgica do pensamento polêmico (BACHELARD, 1977), da reflexão sensibilizada e alimentada pelas solicitações e resistências dos objetos concretos.

No campo da comunicação, o contexto em que vivemos nos coloca um desafio de grande envergadura: a necessidade de pensar e compreender o processo de *mediatização* – que remete às transformações socioculturais potenciadas pela expansão das mídias na sociedade, ao caráter configurador da técnica, do ecossistema midiático nos desenhos das interações, dos funcionamentos institucionais, dos campos, das configurações espaço-temporais das sociedades, da experiência, da produção de sentido, entre outras dimensões (MATA, 1999; VERÓN, 1997; MARTÍN BARBERO, 2004; SODRÉ, 2006). O entendimento desse processo, articulado ao da globalização, vem nos desafiar no sentido de *produzirmos construções e perspectivas para dele dar conta*. A meu ver aí se pode ver o *lugar de fronteira onde estamos operando*, que nos impõe a tarefa de refletirmos vigorosamente sobre as teorizações estabelecidas para produzir novas sínteses, novos arranjos teóricos capazes de iluminar a compreensão deste processo.

Neste *lugar de fronteira* em que estamos trabalhando, é necessário considerar que temos desenvolvimentos em relação a esta noção que não estão acabados, mas em franco processo de construção. Temos, além disso, elaborações teóricas complexas que foram se fazendo na história do nosso campo e que ainda conservam fecundidade; o desafio é submetê-las à

⁷ Lopes (1990) também insiste na necessidade de acessar e trabalhar com o acúmulo de conhecimentos do campo para apropriar-se dele e avançar na construção das investigações.

crítica e a reformulações necessárias para dar conta desta nova realidade comunicacional. A complexidade desse processo, que não opera fora dos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, psíquicos vigentes no concreto histórico, exige novas sínteses e repõe na agenda a necessidade de nos alimentarmos de formulações de outros campos que nos possam ser úteis.

Dada esta realidade no processo de construção das problemáticas do nosso campo, é preciso trabalhar o olhar para operar com sensibilidade e abertura para o concreto investigado. O olhar atento, aberto e reflexivo capacita a perceber que os objetos concretos podem oferecer resistências, “restos” que não se deixam enquadrar nas proposições explicativas com as quais vamos operando. Tais “restos”, se captados, recolhidos e pensados com cautela, podem fecundar a produção de novos conhecimentos, seja no sentido de desestabilizar conceitos e exigir empenhos na construção de concepções que busquem efetivamente contemplá-los, seja de questionar as possibilidades de apreensão dos métodos de observação com os quais estamos trabalhando.

Assumindo essas perspectivas que me levam a pensar a construção do objeto científico como *práxis* onde se realiza a profunda convergência entre os polos teoria/empíria – *práxis* esta que se efetiva desde um campo científico, que tem uma caminhada e um acúmulo de conhecimentos e que se realiza dentro de um contexto histórico cujas configurações concretas solicitam empenho de compreensão – cabe perguntar: como fazer essas lógicas e suas relações de convergência e tensão operarem efetivamente no processo de construção da pesquisa comunicacional? Que práticas possibilitariam a realização dessa perspectiva abstrato-concreta? Que sentidos elas teriam nesse processo? Estas indagações me acompanham na tentativa de identificar, caracterizar e refletir sobre certas práticas constitutivas das processualidades da investigação.

Conhecimentos advindos de vivências concretas de investigação (grupos de pesquisa, orientações, caminhadas individuais etc.)⁸ assim como experiências e propostas de outros pes-

⁸ Destaco como experiências relevantes para o desenvolvimento das propostas deste artigo as seguintes: a participação no projeto coletivo *Recepção de telenovela, uma exploração metodológica*, coordenado por Maria Immacolata V. Lopes (a pesquisa realizada neste subprojeto foi publicada em LOPES et al. 2002); a atuação em disciplinas relativas à metodologia da pesquisa em comunicação nos âmbitos da graduação, do mestrado e do doutorado; as orientações de TCCs, dissertações e teses; o trabalho desenvolvido no grupo de pesquisa Processocom, do qual sou parte e que se dedica, entre outras questões, à reflexão, prática e experimentação de metodologias em pesquisas comunicacionais. Experimentações metodológicas realizadas, discutidas e sistematizadas pelos membros do grupo foram publicadas em Maldonado et al. (2006).

quisadores/autores⁹, me permitem pensar/propor que as práticas de pesquisa teórica, metodológica, de contextualização e exploratória são movimentos importantes no processo de fabricação da pesquisa no sentido de pôr em ação esta perspectiva metodológica delineada. Penso que na confluência desses movimentos, sempre comprometidos com a construção reflexiva de uma problemática, pode constituir-se uma “mentalidade abstrato-concreta” (em termos bachelardianos). Essas operações metodológicas precisam, a meu ver, ser trabalhadas concomitante e articuladamente – de modo *a colocar o sujeito investigador pensante no centro da tensão entre esses movimentos*. Na sequência, passo a examinar mais concretamente cada uma destas práticas e a refletir sobre seu sentido no processo de construção da pesquisa.

A pesquisa da pesquisa

Como já argumentei anteriormente, o percurso de desenvolvimento de pesquisas do campo da comunicação (no Brasil e em outros países) se materializa num “acervo” de contribuições concretas para o entendimento dos fenômenos comunicacionais. Tais pesquisas sintetizam, muitas vezes, avanços teóricos e metodológicos importantes para o campo. A pesquisa da pesquisa torna-se, por conseguinte, uma prática relevante para tomar contato com essa produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem tais desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir* deles.

Realizar pesquisa da pesquisa implica trabalhar concretamente com investigações produzidas no campo (e em áreas de interface) relacionadas ao problema/objeto, para fazer dessa produção elemento ativo na sua elaboração. Tal movimento exige tanto ações mais operativas de levantamento das pesquisas quanto trabalho alentado de reflexão e desconstrução, que possibilite ao pesquisador empreender apropriações, reformulações e alargamentos de proposições, em vários níveis. Um mapeamento geral das pesquisas realizadas é importante para situar-se nesse processo, e orientará o trabalho de reflexão aprofundada daquelas que se mostrem relevantes. Programas de pesquisa da pesquisa devem então ser elaborados para que esse movimento se concretize efetivamente na investigação.

Esta operação metodológica oferece elementos para a elaboração da problemática bem como para a autoconstrução do pesquisador, na medida em que potencializa o aprendizado metodológico pelo trabalho alentado de exame dessas investigações, contribuindo para o de-

⁹ Entre eles Bachelard (1977), Mills (1975), Bourdieu et al. (1999), Certeau (1994), Lopes (1990; 2002) e Maldonado (2002a, 2002b; 2006).

envolvimento da capacidade de pensar/projetar a pesquisa de maneira consciente. A pesquisa da pesquisa também permite visualizar os problemas já enfrentados na investigação, os conhecimentos obtidos e daí trabalhar na formulação de questionamentos que tragam à luz novas dimensões dos fenômenos comunicacionais. Fundamenta o trabalho concreto de construção da relevância científica da pesquisa, permitindo situar, problematizar e afirmar a contribuição que vai oferecer ao conjunto de conhecimentos do campo relacionados ao problema/objeto investigado.

Na dimensão teórica, esta operação contribui para pensar possibilidades e propostas que se mostrem férteis para aprofundamento na pesquisa em construção, assim como para visualizar insuficiências neste nível que podem ser objeto de superação. No plano propriamente metodológico, pode oferecer inspirações e elementos para arquitetar métodos e procedimentos constitutivos da investigação em processo.

Observando o sentido desse movimento, vemos que oferece elementos teóricos, metodológicos, contextuais e empíricos para a elaboração da problemática. Entrar em contato com a produção do campo e trabalhar com ela (na tensão) é, portanto, uma prática fundamental para sustentar efetivos avanços na produção de conhecimentos do campo.

A pesquisa teórica

Na fabricação concreta das pesquisas em comunicação, lembra-nos Maldonado (2002a, 2006), a construção dos objetos de investigação solicita empenho na elaboração teórica das problemáticas. Redes de conceitos trabalhados em articulação entre si e solidárias do concreto investigado precisam ser configuradas, o que, no plano das ações de construção, demanda fortes investimentos em pesquisa teórica.

Trabalhar em pesquisa teórica implica ir definindo a rede de conceitos que a problemática em elaboração solicita; identificar autores e proposições férteis para laborar a construção e debruçar-se efetivamente num trabalho reflexivo sobre eles que compreende: entender profundamente suas proposições, o seu tecido argumentativo; perceber os domínios contextuais e históricos em que se geraram; avaliar seu alcance e suas possibilidades para apreender o fenômeno que nos concerne na pesquisa; laborar em tentativas de alargamentos e articulações possíveis com outras propostas e conceitos no intuito de melhor apreender o fenômeno investigado (MALDONADO, 2002a, 2006).

Nesta constatação, pistas geradas na exploração do concreto empírico concernente à

problemática (pesquisa exploratória), assim como especificidades que vão se desenhando nos movimentos de contextualização, tornam-se aliados importantes no trabalho de alargamento e concretização dos conceitos. Novamente se pode vislumbrar, nesse processo, a fertilidade de movimentos de vai e vem entre o fenômeno em sua feição concreta (empírica) e os referentes teóricos que buscam pensá-los em nível de maior abstração e generalidade.

A pesquisa teórica, quando assumida com força na investigação, vai possibilitando experimentar perspectivas diversas desde onde compreender o fenômeno que se quer pesquisar e deve nos permitir chegar a um ponto de vista – multiperspectivado se acolhemos a multidimensionalidade que os fenômenos midiáticos e comunicacionais encerram – capaz de nos ajudar na sua compreensão. Confluindo com os demais movimentos, pode caminhar rumo a um *artesanato* teórico que, evitando o recurso a formulações e modelos prontos, efetive-se como *construção empenhada para o objeto investigado*.

A pesquisa metodológica

Consciente ou não o pesquisador, ao iniciar um processo de pesquisa, trabalha com concepções de método, tanto num nível mais geral (teorias do conhecimento, do método científico) quanto em níveis mais específicos da sua construção (teorias dos métodos de observação, de descrição etc.). O domínio da fabricação da pesquisa exige do investigador não negligenciar esta dimensão. Solicita, portanto, uma empreitada de reflexão deste nível, o que implica, entre outras ações, trabalhar em movimentos de *pesquisa metodológica*.

Pensando a dimensão do método como lugar que responde pela fabricação do conhecimento científico nos seus diversos planos, é mister aprofundar sua concepção, pois dele depende a fecundidade do conhecimento que se quer gerar. As ações de pesquisa metodológica, neste nível, implicam investir em trabalho de reflexão de teorias do método para alicerçar a construção da investigação. Lembremos, com Bachelard (1977) e Bourdieu et al. (1999), que os métodos são, efetivamente, *teorias em ato*.

No plano da construção do objeto empírico, o reconhecimento da problemática da construção/captura dos fatos – pois se trata aí não de mera recolha de informações e sim de fabricação dos fatos requeridos pela problemática pela mediação constitutiva dos métodos e procedimentos de investigação – solicita empenho do investigador no sentido de dominar as teorias dos métodos, lembrando que eles operam inclusões e exclusões, conferem existência científica a determinadas dimensões, obliterando a captura de outras. Daí a necessidade de

que sua construção e utilização seja norteada pela restituição da reflexão metódica sobre as condições e os limites de sua validade em termos de adequação ao objeto de investigação (BOURDIEU et al. 1999). Somente esta reflexão pode permitir e fecundar a reinvenção criadora, necessária para superar os limites e obstáculos epistemológicos contidos nesses métodos e procedimentos de investigação.

As problemáticas propõem modos de questionamento e de compreensão de um fenômeno que fazem exigências em termos do objeto empírico que buscamos capturar/fabricar/compreender – elas nos solicitam olhar dimensões ou aspectos, em cuja captura/construção intervirão os métodos e procedimentos de observação. Então, o desafio que se coloca é construir arranjos metodológicos que trabalhem em favor da captura/construção dessas dimensões (BACHELARD, 1977; BOURDIEU et al. 1999; MILLS, 1975).

A pesquisa metodológica (que também se realiza na pesquisa da pesquisa) é, então, um movimento importante para alicerçar este âmbito da *fabricação* pensada dos objetos. Ela exige a instauração de processos de estudo, reflexão, desconstrução, reformulação e apropriação de propostas metodológicas (contidas em textos metodológicos reflexivos e em pesquisas concretas), para delas extrair elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando. As aproximações empíricas, pela via da pesquisa exploratória, em confluência com esta prática, permitem realizar uma fabricação metodológica sensível às especificidades do concreto.

A complexidade e a multidimensionalidade dos fenômenos comunicacionais/midiáticos coloca-nos o desafio de operar, não apenas no nível teórico, mas também no metodológico, com configurações multiperspectivadas, não redutoras. A construção e experimentação de estratégias multimetodológicas em pesquisas comunicacionais tem revelado sua fertilidade neste sentido (LOPES et al., 2002; BONIN, 2001, 2004). Grosso modo, elas implicam em construir arranjos de métodos e procedimentos diversos que confluam para a fabricação de dados complexos. Na construção desses arranjos, algumas questões são importantes de serem consideradas:

- eles devem ser capazes de oferecer possibilidades de captura/construção das múltiplas dimensões requeridas pela problemática concreta;
- sua construção se vale da reflexão teórica dos métodos para dar conta do que fazem aos objetos, dos pressupostos que se instituem como configuradores destes objetos, das possibilidades que oferecem a esta captura/construção e dos limites que impõem;

- esta reflexão, em convergência com as pistas advindas da pesquisa exploratória, permite obrar em processos de reinvenção, de criação e de integração com os demais métodos e procedimentos, em um desenho coerente;
- o desenho busca permitir a superação de limites de um método ou procedimento por outro ou por redesenho deste método/procedimento;
- arranjos metodológicos multiperspectivados também devem possibilitar a fabricação de angulações distintas de um mesmo dado ou aspecto crucial, para fabricar um dado complexo (operações multifocais na captura/fabricação dos dados).

A pesquisa exploratória

Desafiada pelas reconfigurações nas dinâmicas que conformam os objetos do campo, a pesquisa em comunicação enfrenta a necessidade de construir suas problemáticas com forte atenção à dinâmica concreta dos objetos que investiga. Impõe-se a necessidade de realização de fortes movimentos de aproximação empírica para dar conta destes objetos “móveis, nômades, de contornos difusos” (LOPES, 2006).

As ações de pesquisa exploratória implicam investir em planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico a partir de várias angulações possíveis – angulações que interessam ao problema/objeto em construção. Os procedimentos de pesquisa exploratória podem ser diversos, desde o recurso a dados secundários até a observação direta de fenômenos empíricos concernentes à problemática investigada.

A pesquisa exploratória traz contribuições importantes para a construção investigativa. As pistas e constatações relativas aos fenômenos geradas através dela facilitam a construção e a concretização dos problemas/objetos investigados; permitem trabalhar na construção de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional; suscitam o aprofundamento de dimensões teóricas que se revelam importantes na configuração do concreto. A pesquisa exploratória também oportuniza experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos para compor e construir arranjos metodológicos sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos. Auxilia na construção das amostras e/ou *corpus* a serem focalizados na investigação sistemática. Exercícios multiangulados de aproximação empírica são importantes porque aguçam a percepção de dimensões dos objetos naturalizadas ao olhar – pela possibilidade de distanciamento/estranhamento que potencializam (BONIN, 2006, MALDONADO, 2002a).

A pesquisa de contextualização

Para apreender os objetos comunicacionais/midiáticos em suas relações com a realidade concreta em que estão inseridos e que participam da sua configuração, faz-se necessário trabalhar na construção de contextualizações relevantes para a problemática de pesquisa. Maldonado (2006), refletindo sobre esta dimensão na pesquisa em comunicação, oferece-nos elementos importantes para pensar este movimento, que busco aqui retomar. Conforme propõe esse autor, o contexto é parte constitutiva e decisiva da formulação do problema, ele define as relações do objeto investigado com a realidade na qual está inserido. A contextualização é importante porque evita que a pesquisa se reduza a um exercício abstrato, sem vínculo com a realidade e com o mundo.

Na pesquisa comunicacional, é importante saber formular e construir o complexo estrutural que dá conta do contexto midiático e comunicacional e que configura a sua particularidade. A contextualização permite ter uma visão abrangente e ao mesmo tempo particular do fenômeno investigado.

Para realizar esse movimento de contextualização, faz-se necessário trabalhar em práticas que possibilitem ir construindo os múltiplos contextos que participam efetivamente da problemática em construção. Aproximações à realidade, vivências, investigação bibliográfica (busca de subsídios de outras pesquisas que produziram conhecimento sobre esses contextos), aliadas à reflexão, análise e sistematização de elementos importantes para a compreensão do problema/objeto investigado são operações importantes na construção desse movimento.

A importância da contextualização pode ser vislumbrada, por exemplo, nas anotações de Mills (1975) sobre suas práticas no diário de investigação. Pesquisas comunicacionais relevantes que temos acompanhado têm demonstrado a força e importância desse movimento para compreender os fenômenos na sua concretude e nas relações com seus contextos configuradores.¹⁰

¹⁰ Ver, a título de exemplo, pesquisas realizadas por Santos (2005), Schmitz (2007), Cruz (2007), Iser (2006) e Marin (2006a e 2006b), integrantes do grupo Processocom, que trabalharam fortes movimentos de pesquisa exploratória para configurar seus problemas/objetos, para construir, vivenciar e testar procedimentos metodológicos que foram a base para desenhos inventivos de procedimentos nas etapas sistemáticas de observação.

Pensando a metodologia como dimensão orientadora das práticas investigativas propus neste texto pensar como as lógicas e relações entre teoria e empiria se instituem na fabricação do conhecimento científico desde a perspectiva metodológica aqui proposta. Esta reflexão me possibilitou propor que as práticas de pesquisa teórica, de contextualização, metodológica e exploratória são fundamentais no sentido de colocar em ação adequadamente estas relações. É na confluência destas operações que se realiza o necessário diálogo na tensão entre teoria e empiria, entre lógicas de abstração e de concretização geradores do conhecimento científico.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BONIN, Jiani Adriana. *Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela*. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Identidade étnica e telenovela*. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n.9, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19 ago 2009.

_____. *Estratégia multimetodológica de captação de dados em pesquisa de recepção: a experiência da investigação *Telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar**. *Rastros*, Joinville, n.5, 2004.

_____. *Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto*. In: MALDONADO et. al. *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. *Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação*. *Revista Famicos*, Porto Alegre, n.37, dez. 2008.

BOURDIEU, Pierre et al. *A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CRUZ, Fernanda Guimarães. Socialização midiaticizada: o papel da televisão na recepção de adolescentes de instituições de acolhimento. São Leopoldo, 2007. 331 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

IANNI, Octávio. As ciências sociais na época da globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.13, n.37, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mai. 2008.

ISER, Fabiana. Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO et. al. Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006a.

LOPES, Maria Immacolata V. Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990. 148 p.

_____. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. Revista Famecos, Porto Alegre, n.30, ago. 2006.

LOPES Maria Immacolata V. et al. Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. Ciberlegenda, Rio de Janeiro, n.9. 2002a. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/efendy2.htm> Acesso em 20 ago. 2009.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação. Ciberlegenda, Rio de Janeiro, n.10, 2002b. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/efendy3.htm> Acesso em 21 ago. 2009.

____. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO et. al. Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MALDONADO et. al. Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARIN, Elizara Carolina. Entretenimento televisivo: pesquisa do produto e da recepção dos programas de auditório Domingão do Faustão (Rede Globo) e Domingo Legal (SBT). São Leopoldo, 2006a. 285 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos.

_____. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO et. al. Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006b.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Razón técnica e razón política: espacios/tempos no pensados. Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación, São Paulo, n.1, ago./dez., 2004.

MATA, María Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. Diálogos de la comunicación, Lima, n.56, out. 1999. Disponível em: <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 01 set. 2007.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, Airton Ricardo Tomazzoni dos. No embalo do videoclipe: a dança midiaticizada na televisão e a recepção do público adolescente. São Leopoldo, 2005. 304 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos.

SCHMITZ. Mulher na moda: recepção e identidade feminina nos editoriais de moda da revista *Elle*. São Leopoldo, 2007. 356 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In. MORAES, Denis (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatizacion. Diálogos de la comunicación, Lima, n.48, p.9-17, 1997. Disponível em: <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 18 jul.

2007.